

OLIVER BOWDEN

# ASSASSIN'S CREED

IRMANDADE

Tradução de  
Edmo Suassuna



GALERA RECORD  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2012

## Prólogo

Os eventos ocorridos nos incríveis quinze minutos anteriores — que poderiam ter sido quinze horas, ou até mesmo dias, de tão longos que pareceram — surgiram outra vez na mente de Ezio enquanto ele cambaleava, confuso, saindo da Câmara sob a Capela Sistina.

Embora a memória parecesse um sonho, Ezio se lembrou de ter visto nas profundezas da Câmara um enorme sarcófago, aparentemente feito de granito. Quando ele se aproximou, o sarcófago começou a brilhar, mas com uma luz convidativa.

Ele tocou a tampa, que se abriu como se fosse leve como uma pluma. De dentro veio uma luz amarela e cálida, e dali se ergueu uma figura cujas feições Ezio não conseguiu distinguir, embora soubesse que estava olhando para uma mulher. Sua estatura era anormal. Ela usava um capacete e trazia uma coruja no ombro direito.

A luz que a cercava o cegou.

— Saudações, profeta — disse ela, chamando-o pelo nome que tinha sido misteriosamente conferido a ele. — Tenho esperado por você há dez milhões de estações.

Ezio não se atreveu a olhá-la.

— Deixe-me ver a Maçã.

Humildemente Ezio a entregou.

— Ah. — A mão dela acariciou o ar sobre a Maçã, mas não a tocou. O objeto cintilava e pulsava. Os olhos da deusa atravessaram Ezio. — Precisamos conversar. — Ela inclinou a cabeça, como se estivesse refletindo sobre alguma coisa, e Ezio, levantando a dele, achou ter visto um traço de sorriso em seu rosto iridescente.

— Quem é você?

— Ah... tenho muitos nomes. Quando morri, era Minerva.

Ezio reconheceu o nome.

— Deusa da Sabedoria! A coruja em seu ombro. O capacete. É claro.  
— Ele curvou a cabeça.

— Nós já não existimos mais. Os deuses que seus antepassados adoraram, Juno, rainha dos deuses, e meu pai, Júpiter, o rei, que me trouxe à vida da própria testa. Eu era a filha, não de suas entranhas, mas de sua mente!

Ezio estava estupefato. Olhou para as estátuas alinhadas às paredes. Vênus. Mercúrio. Vulcano. Marte...

Houve um barulho como vidro se quebrando à distância ou como o som que uma estrela cadente faria: era a risada dela.

— Não, não deuses. Simplesmente viemos antes. Mesmo na época em que caminhávamos pelo mundo, a humanidade lutava para entender nossa existência. Éramos apenas mais avançados no tempo. — Ela fez uma pausa. — Mas, embora vocês talvez não nos compreendam, precisam compreender nosso aviso.

— Eu não entendo.

— Não se assuste. Desejo falar com você, mas também *por meio* de você. Você é o Escolhido deste tempo. O *Profeta*.

Ezio sentiu o calor de uma mãe envolver toda a sua exaustão.

Minerva ergueu os braços acima da cabeça e o teto da Câmara tornou-se o firmamento. O rosto cintilante assumiu uma expressão de infinita tristeza.

— Escute e veja.

Ezio mal podia suportar a memória: ele tinha visto a Terra inteira e os céus que a cercavam até a Via Láctea, a galáxia, e sua mente mal pôde compreender a visão. Ele viu um mundo, este mundo, destruído pelo Homem, e uma planície varrida pelo vento. Mas então ele viu pessoas — alquebradas, efêmeras, mas corajosas.

— Nós lhes demos o Éden — afirmou Minerva —, mas ele se tornou o inferno. O mundo ardeu até que nada restou além de cinzas. Mas nós os criamos à nossa própria imagem, e criamos vocês, não importa o que vocês fizeram, não importa quanta maldade cancerosa havia em vocês, por escolha, porque nós lhes demos escolha, para sobreviver! E nós reconstruímos tudo. Depois da devastação, reconstruímos o mundo e ele se tornou, depois de eras imensuráveis, o mundo que vocês conhecem e habitam. Nós nos empenhamos para que tal tragédia jamais voltasse a se repetir.

Ezio tornou a olhar o céu. Um horizonte. Nele, erguiam-se templos e formas, entalhes na pedra semelhantes a escrituras, bibliotecas cheias de pergaminhos, navios, cidades, música e dança. Viu silhuetas e formas de civilizações antigas que ele não conhecia, mas que reconheceu como sendo obras de seus semelhantes.

— Agora, porém, meu povo está morrendo — continuou Minerva. — E o tempo vai agir contra nós... A verdade será transformada em mito e lenda. Mas, Ezio, profeta e líder, embora você tenha a força física de um mero ser humano, sua vontade é como a nossa, e em você minhas palavras serão preservadas.

Ezio a olhava, em transe.

— Deixe também que minhas palavras tragam esperança — afirmou Minerva. — Mas você precisa agir rápido, pois o tempo é cada vez mais curto. Proteja-se contra os Borgia. Cuidado com a Cruz Templária.

A Câmara escureceu. Minerva e Ezio estavam sozinhos, banhados pelo brilho que se esvaía da luz cálida.

— Agora meu povo precisa deixar este mundo. Mas a Mensagem foi entregue. Depende de vocês agora. Não podemos fazer mais nada.

E então veio a escuridão e o silêncio, e a Câmara mais uma vez tornou-se uma sala subterrânea que não continha absolutamente nada.

E, ainda assim...

Ezio voltou a entrar na antecâmara, lançando um olhar para o corpo retorcido de Rodrigo Bórgia, o Espanhol, papa Alexandre VI, líder da facção dos Templários — ensanguentado em seus estertores finais. Ezio não conseguiu se convencer a dar o *coup de grâce*. O homem parecia estar morrendo por si mesmo. Pelo jeito, ele tinha se envenenado, sem dúvida com a mesma *cantarella* que tinha dado a tantos de seus inimigos. Bem, deixe que ele encontre o próprio caminho para o Inferno. Ezio não lhe concederia a misericórdia de uma morte fácil.

Ele deixou para trás a escuridão da Capela Sistina e foi para a luz do sol. Ao chegar ao pórtico, Ezio viu que muitos de seus amigos e companheiros Assassinos — membros da Irmandade, ao lado de quem ele tinha vivido tantas aventuras e sobrevivido a tantos perigos — o aguardavam.

## P A R T E U M

Não se pode definir como virtude a matança dos próprios concidadãos, a traição aos amigos e a demonstração de falta de lealdade, de piedade, de consciência e de ideal moral: essas práticas podem conquistar poder ao príncipe, nunca a glória.

— Nicolau Maquiavel, *O Príncipe*

# I

Ezio parou por um momento, atordoado e desorientado. Onde ele estava? Que lugar era aquele? Conforme lentamente recuperava os sentidos, viu seu tio Mario se separar do grupo de amigos Assassinos e se aproximar, tomando seu braço.

— Ezio, está tudo bem?

— Houve... houve uma luta... com o papa, com Rodrigo Bórgia. Eu o deixei morrendo.

Ezio tremia violentamente. Não conseguia se controlar. Teria sido real? Minutos antes — embora parecesse ter sido há uns cem anos — estivera envolvido em uma luta de vida e morte com o homem que mais odiava e temia, o líder dos Templários, a cruel organização empenhada em destruir o mundo que Ezio e os amigos da Irmandade dos Assassinos lutaram tão duramente para proteger.

Mas ele os tinha derrotado. Ezio tinha usado os grandes poderes da Maçã, um misterioso artefato, o sagrado Pedaco do Éden que lhe foi concedido pelos antigos deuses, para garantir que o investimento na humanidade não desaparecesse em meio ao derramamento de sangue e à iniquidade. E ele saiu vitorioso.

Ou não?

O que ele tinha dito? “Eu o deixei morrendo?” E, sem dúvida, Rodrigo Bórgia, o velho vilão que tinha conquistado o controle da Igreja e a governou como papa, parecia de fato estar morrendo. Ele tinha tomado veneno.

Mas agora uma dúvida repugnante tinha se apoderado de Ezio. Ao demonstrar misericórdia, que residia no cerne do Credo dos Assassinos, e deveria, como ele sabia, ser concedida a todos, exceto àqueles cujas vidas colocariam em risco o resto da humanidade, teria sido ele, de fato, *fraco*?

Se fora, jamais demonstraria a própria dúvida, nem mesmo ao tio Mario, líder da Irmandade. Ele endireitou os ombros. Tinha deixado o

velho morrendo por conta própria. Ezio o deixou com tempo suficiente para rezar. Não o tinha apunhalado no coração para se certificar de sua morte.

Um punho frio se fechou sobre o coração de Ezio enquanto uma voz clara disse em sua mente: *Você deveria tê-lo assassinado.*

Ezio se sacudiu para se livrar de seus demônios como um cachorro se livra da água depois de nadar. Mas seus pensamentos ainda se detinham na experiência mística que teve na estranha Câmara sob a Capela Sistina, no Vaticano. O prédio de onde ele tinha acabado de emergir, piscando sob a luz nada familiar do sol. Tudo ao seu redor parecia estranhamente calmo e normal. Os prédios do Vaticano estavam onde sempre estiveram, resplandecendo sob a luz brilhante. A memória de tudo que acabara de acontecer na Câmara voltou, e grandes ondas de recordações sobrecarregaram sua consciência. Tinha ocorrido uma visão, um encontro com uma estranha deusa — pois não havia outra forma de descrever a criatura —, que ele agora sabia se tratar de Minerva, a deusa romana da Sabedoria. Ela lhe mostrou tanto o passado distante quanto o futuro longínquo de tal modo que Ezio agora odiava a responsabilidade que o conhecimento recém-adquirido colocava em seus ombros.

E com quem ele poderia compartilhar esse conhecimento? Como poderia explicar *qualquer* parte daquilo? Tudo parecia tão irreal.

Só o que Ezio sabia com segurança após a experiência — ou melhor, provação — era que a luta ainda não tinha acabado. Talvez um dia houvesse o momento em que ele poderia voltar a Florença, sua cidade natal, e sossegar com seus livros, beber com os amigos no inverno e caçar com eles no outono, perseguir meninas na primavera e supervisionar as colheitas em suas propriedades no verão.

Mas esse dia não seria hoje.

No fundo do coração, Ezio sabia que os Templários e todo o mal que eles representavam ainda não estavam derrotados. Ao enfrentá-los, Ezio combatia um monstro com mais cabeças que a Hidra e, como aquela besta, que fora morta por ninguém menos que Hércules, podia ser tudo, menos imortal.

— Ezio!

A voz de seu tio soou severa, mas serviu para acordá-lo do devaneio que o dominara. Ele tinha de se recuperar e pensar com clareza.

Havia um incêndio furioso na cabeça de Ezio. Ele disse o próprio nome, para se assegurar de si mesmo. Eu sou Ezio Auditore, de Florença. Forte, um mestre das tradições dos Assassinos.

Ezio repassou os eventos: ele não sabia se tinha sonhado ou não. Os ensinamentos e as revelações da estranha deusa na Câmara tinham estremecido profundamente suas crenças e suposições. Era como se o próprio tempo tivesse sido posto de cabeça para baixo. Ao emergir da Capela Sistina, onde tinha deixado o maligno papa Alexandre VI *aparentemente* moribundo, Ezio semicerrou os olhos novamente diante da luz forte. Seus amigos Assassinos estavam ali reunidos, com os rostos sérios e marcados por uma feroz determinação.

O pensamento ainda o perseguia: *ele deveria ter matado Rodrigo — ter se assegurado de seu fim?* Ezio decidira não fazê-lo, e o homem pareceria realmente determinado em tirar a própria vida, após fracassar na meta final.

Mas aquela voz cristalina ainda soava na mente de Ezio.

E mais: uma força surpreendente parecia atraí-lo de volta à capela — ele sentiu que havia alguma coisa incompleta.

Não Rodrigo. Não *apenas* Rodrigo. Embora Ezio fosse acabar com ele agora! Alguma *outra* coisa!

— O que houve? — indagou Mario.

— Preciso voltar — disse Ezio, percebendo novamente, com o estômago embrulhado, que o jogo *não* tinha acabado, e que a Maçã ainda não poderia deixar as suas mãos.

Assim que o pensamento o atingiu, Ezio foi tomado por um decisivo senso de urgência. Soltando-se dos braços protetores do tio, ele se apressou em voltar à escuridão. Mario, ordenando aos outros que ficassem onde estavam e se mantivessem alertas, seguiu o sobrinho.

Ezio alcançou rapidamente o lugar onde tinha deixado o agonizante Rodrigo Bórgia, mas o homem não estava lá! Um manto papal ricamente decorado jazia em uma pilha no chão, manchado de sangue, mas seu dono tinha sumido. Novamente aquela mão, agora vestindo



uma luva gélida de aço, se fechou sobre o coração de Ezio, parecendo esmagá-lo.

A passagem secreta para a Câmara estava, para todos os fins, fechada e quase invisível, mas quando Ezio se aproximou do ponto onde ele achava que ficava, ela se abriu suavemente com seu toque. Ele se virou para o tio e ficou surpreso ao ver o medo no rosto de Mario.

— O que há lá dentro? — perguntou o velho homem, esforçando-se para manter a voz firme.

— O Mistério — respondeu Ezio.

Deixando Mario na entrada da porta, ele seguiu pela passagem mal iluminada, esperando que não fosse tarde demais, e que Minerva tivesse previsto aquilo e o perdoasse. Com certeza Rodrigo não teria permissão para entrar ali. Mesmo assim, Ezio manteve preparada a lâmina oculta, que lhe fora legada pelo pai.

Dentro da Câmara, a grande figura *humana*, ainda que ao mesmo tempo de feições *sobre-humanas* — eram mesmo de uma estátua? —, segurava a cruz papal, também conhecida como Cajado.

Um dos Pedacos do Éden.

O Cajado estava aparentemente soldado à figura que o segurava, e, quando Ezio tentou soltá-lo, ela pareceu segurar com mais força e brilhar, assim como aconteceu com as inscrições rúnicas nas paredes da Câmara.

Ezio lembrara que, sem proteção, nenhuma mão humana deveria tocar a Maçã. As figuras então se viraram e afundaram no chão, deixando a Câmara completamente vazia, exceto pelo grande sarcófago e pelas estátuas que o cercavam.

Ezio deu um passo para trás, olhando rapidamente ao redor e hesitando antes de deixar aquele lugar. Ele sabia instintivamente que jamais voltaria ali. O que ele esperava? Que Minerva fosse se manifestar para ele novamente? Mas ela não lhe dissera tudo que havia para dizer? Ou pelo menos tudo que seria seguro que ele soubesse? A Maçã lhe tinha sido confiada. Combinados à Maçã, os outros Pedacos do Éden teriam concedido a Rodrigo a supremacia que ele buscava, e Ezio compreendia, na plenitude de seus anos, que tamanho poder reunido seria perigoso demais nas mãos dos homens.

— Está tudo bem? — A voz de Mario, ainda extraordinariamente nervosa, flutuou até Ezio.

— Tudo bem — respondeu Ezio, voltando à luz com uma curiosa relutância.

Uma vez junto ao tio, Ezio lhe mostrou silenciosamente a Maçã.

— E o Cajado?

Ezio balançou a cabeça.

— Melhor que fique nos braços da Terra do que nas mãos dos homens — concluiu Mario, entendendo imediatamente. — Mas eu não preciso lhe dizer isso. Vamos lá! Não podemos nos demorar.

— Por que a pressa?

— Por tudo! Você acha que Rodrigo vai deixar que a gente simplesmente vá embora sem maiores problemas?

— Eu o deixei morrendo.

— Não é a mesma coisa que deixá-lo completamente morto, é? Vamos!

Então eles saíram da Câmara o mais rápido que puderam, e um vento frio pareceu segui-los.

— Onde estão os outros? — indagou Ezio, ainda espantado com as experiências recém-vividas enquanto cruzavam de volta a grande nave da Capela Sistina. Os Assassinos não estavam mais lá.

— Eu os dispensei. Paola voltou a Florença. Teodora e Antônio, a Veneza. Precisamos cobrir toda Itália. Os Templários estão enfraquecidos, mas não foram destruídos. Eles vão se reagrupar se nossa Irmandade dos Assassinos não for vigilante. Eternamente vigilante. O resto de nosso grupo partiu na frente e vai nos esperar no quartel-general em Monteriggioni.

— Eles estavam de guarda.

— De fato, estavam, mas perceberam que haviam cumprido o dever deles. Ezio, não há tempo a perder. Nós todos sabemos disso — afirmou Mario, com expressão séria.

— Eu deveria ter acabado com Rodrigo Bórgia.

— Ele feriu você na luta?

— Minha armadura me protegeu.

Mario deu um tapinha nas costas do sobrinho.

— Falei de modo muito precipitado agora há pouco. Acho que você fez bem ao decidir que não o mataria sem necessidade. Eu sempre aconselhei a moderação. Você achou que ele estava praticamente morto, e pela própria mão. Quem sabe? Talvez ele estivesse fingindo, ou de repente ele fracassou na hora de se envenenar. De qualquer maneira, temos de lidar com a situação como ela é, e não desperdiçar energia ponderando aquilo que poderíamos ter feito. Afinal, nós mandamos você; um homem sozinho, contra um exército de Templários. Você fez mais do que a sua parte, Ezio. Temos de sair daqui. Temos trabalho a fazer, e a última coisa que precisamos é ser encurralados pelos guardas de Bórgia.

— Você não acreditaria nas coisas que eu vi, tio.

— Então me faça o favor de não morrer, para que eu possa ouvir sua história. Ouça: deixei alguns cavalos à espera um pouco depois da Praça São Pedro, fora do território do Vaticano. Quando chegarmos até eles, poderemos sair daqui em segurança.

— Os Bórgia vão tentar nos deter, imagino.

Mario abriu um grande sorriso.

— É claro que vão; e *eu* espero que os Bórgia lamentem a perda de muitos homens esta noite!

Na capela, Ezio e o tio se surpreenderam ao depararem com vários sacerdotes, que tinham voltado para terminar a missa interrompida pelo confronto de Ezio contra o papa, no qual os dois batalharam pelo controle dos Pedacos do Éden que tinham descoberto.

Os sacerdotes os interpelaram com raiva, cercando-os e bradando:

— *Che cosa fate qui?* O que estão fazendo aqui? — gritavam eles. — Vocês profanaram a santidade deste lugar sacro!

Outros acusavam:

— *Assassini!* Deus os fará pagar pelos seus crimes!

Enquanto Mario e Ezio empurravam e forçavam passagem pela multidão enfurecida, os sinos da basílica começaram a soar o alarme.

— Você condena aquilo que não entende! — disse Ezio a um sacerdote que tentava bloquear o caminho. A maciez do corpo do sujeito o repeliu, e ele o empurrou para o lado com o máximo de gentileza possível.

— Temos de ir, Ezio — urgiu Mario. — *Agora!*

— Ele é a voz do Demônio! — urrou outro sacerdote.

Ezio e Mario conseguiram alcançar o grande pátio da igreja. Lá eles foram confrontados por um mar de batinas vermelhas. Parecia que todo o Colégio de Cardeais estava ali reunido, confuso, mas ainda sob o domínio do papa Alexandre VI, Rodrigo Bórgia, o capitão da Ordem dos Templários.

— Pois nós lutamos não contra carne e sangue — entoavam os cardeais. — Mas contra os principados, contra os poderes, contra os governantes das trevas deste mundo, contra a perversidade nos lugares altos. Portanto tomai a armadura completa de Deus e o escudo da Fé, com os quais podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno.

— O que houve com eles? — perguntou Ezio.

— Estão confusos. Buscam orientação — respondeu Mario, com severidade. — Vamos. Temos de sair antes que os guardas de Bórgia notem nossa presença. — Ele olhou de volta para o Vaticano. Armaduras cintilavam ao sol.

— Tarde demais. Lá vem eles. Depressa!

### 3

O mar vermelho formado pelas pomposas vestes dos cardeais se dividiu quando quatro guardas dos Bórgia abriram caminho, perseguindo Ezio e Mario. O pânico tomou conta da multidão assim que os cardeais começaram a gritar de medo e alarme, e Ezio e o tio se viram cercados por uma arena humana. Os cardeais, sem saber para onde fugir, tinham inadvertidamente formado uma barreira. Talvez a coragem deles tivesse sido reforçada de modo inconsciente pela chegada de guardas fortemente protegidos por couraças peitorais que reluziam ao sol. Os quatro guardas dos Bórgia desembainharam as espadas e entraram no círculo para enfrentar Ezio e Mario, que, por sua vez, empunhavam as próprias lâminas.

— Baixem as armas e rendam-se, Assassinos. Vocês estão cercados e em menor número! — gritou o líder, dando um passo à frente.

Antes que ele pudesse dizer mais uma palavra, Ezio saltou da postura defensiva, com a energia retornando ao corpo cansado. O líder dos guardas não teve tempo de reagir, pois não esperava que o oponente ousasse enfrentá-lo diante de chances tão inferiores. O braço de Ezio que mantinha a espada girou em um borrão, com a lâmina assoviando enquanto fendia o ar. O guarda tentou em vão aparar o golpe com a própria espada, mas Ezio se moveu rápido demais. A arma do Assassino atingiu o alvo com precisão infalível, abrindo um corte no pescoço exposto do adversário e lançando um filete largo de sangue. Os outros três guardas ficaram parados, espantados com a velocidade do Assassino, três idiotas diante de um adversário tão habilidoso. Tal demora significou a morte para eles. A espada de Ezio mal tinha completado o primeiro arco letal quando ele ergueu a mão esquerda, fazendo o mecanismo da lâmina oculta clicar enquanto a arma mortífera surgiu da manga da camisa. Ela se cravou entre os olhos do segundo guarda antes que ele pudesse mover um músculo em defesa.

Enquanto isso, Mario, despercebido, deu dois passos para o lado, fechando o ângulo de ataque sobre os dois últimos guardas, cuja atenção estava fixada na demonstração de violência que se desenrolava diante deles. Mais dois passos e chegou perto o bastante para enfiar a espada por sob a couraça do guarda mais próximo, com a ponta penetrando de forma grotesca no torso do sujeito. O rosto do homem se contorceu em confusa agonia. O horror brilhou nos olhos do último guarda quando ele se virou para fugir — tarde demais. A lâmina de Ezio o golpeou no flanco direito enquanto a espada de Mario cortava sua coxa. O homem caiu de joelhos, gemendo, e Mario lhe deu um chute.

Os dois Assassinos olharam em volta. O sangue dos guardas se espalhava pelo chão pavimentado, manchando as bordas vermelhas das vestes dos cardeais.

— Vamos logo, antes que mais homens de Bórgia nos alcancem.

Eles brandiram as espadas para os cardeais aterrorizados, que fugiram rapidamente dos Assassinos, abrindo uma trilha que os levaria para fora do Vaticano. Ouviram cavalos se aproximando, certamente trazendo mais soldados. Os dois abriram caminho à força para sudeste, correndo o mais rápido possível pela praça, se afastando do Vaticano e indo na direção do Tibre. Os cavalos que Mario tinha preparado para a fuga estavam amarrados bem perto da Santa Sé. Mas primeiro tinham de se virar para enfrentar os guardas papais que os seguiam montados e se aproximavam rapidamente. O trovejar dos cascos ecoava nos paralelepípedos. Usando os alfanjes, Ezio e Mario conseguiram afastar os golpes de alabarda dos guardas.

Mario atingiu um guarda quando ele estava prestes a cravar a lança nas costas de Ezio.

— Nada mal para um velho — gritou Ezio, agradecido.

— Espero que você devolva o favor — respondeu Mario. — E pode deixar essa conversa de “velho” para lá!

— Eu não esqueci tudo que você me ensinou.

— Espero que não! Cuidado! — Ezio girou bem em tempo de cortar as pernas do cavalo de um guarda que chegou galopando e empunhando uma clava de aparência cruel.

— *Buona questa!* — gritou Mario. — Belo golpe!

Ezio saltou de lado, evitando mais dois perseguidores, e conseguiu derrubá-los das selas quando passaram, incapazes de parar a tempo. Mario, mais pesado e mais velho, preferiu ficar na posição que estava e golpear os inimigos antes de saltar. Mas, uma vez que alcançaram os limites da grande praça diante da catedral de São Pedro, os dois Assassinos rapidamente escalaram para a segurança dos telhados, subindo pelas paredes irregulares das casas, tão ágeis quanto lagartos, e então saíram correndo por cima das construções, saltando pelos vãos das ruas, que formavam verdadeiros canyons. Não era fácil, e Mario quase não conseguiu completar um dos saltos, sendo forçado a agarrar as calhas com os dedos quando um dos pulos foi curto demais. Muito ofegante, Ezio deu meia-volta para ajudar o tio a subir, puxando-o para cima bem quando as flechas das bestas disparadas pelos perseguidores zuniram inúteis em direção ao céu.

Porém avançavam muito mais rápido que os guardas, os quais, vestindo pesadas armaduras e desprovidos das habilidades dos Assassinos, tentavam em vão acompanhá-los correndo pelas ruas abaixo. Gradualmente, foram deixados para trás.

Mario e Ezio encerraram a fuga em um telhado com vista para uma pequena praça nos limites do Trastevere. Dois cavalos castanhos, grandes e bravios, estavam selados e prontos para partir, ao lado de uma estalagem de aparência humilde, em cuja placa se lia “A Raposa Adormecida”. Um corcunda vesgo com um bigodão vigiava os animais.

— Gianni! — sussurrou Mario.

O corcunda olhou para cima e imediatamente soltou as rédeas que amarravam os cavalos a um enorme anel de ferro na parede da estalagem. Mario logo pulou do telhado, aterrissando de cócoras, e em seguida saltou para a sela do cavalo maior e mais próximo. O animal relinchou e bateu o pé na terra, em uma tensa expectativa.

— Shh, Campione — disse Mario ao animal, e então se virou para o parapeito onde Ezio ainda aguardava e gritou: —Vamos! O que está esperando?

— Só um minuto, *zio* — respondeu Ezio, virando-se para enfrentar dois guardas de Bórgia que tinham conseguido subir ao telhado com muito esforço e que agora apontavam pistolas engatilhadas de um tipo



que Ezio, para sua surpresa, desconhecia. Onde diabos eles as tinham conseguido? Mas não havia tempo para perguntas. Ezio girou pelo ar contra eles, libertando a lâmina oculta e cortando elegantemente a jugular dos dois antes que pudessem atirar.

— Impressionante — comentou Mario, controlando o cavalo impaciente. — Agora mexa-se! *Cosa diavolo aspetti?*

Ezio se atirou do telhado e aterrissou perto do segundo cavalo, que estava sob o firme controle do corcunda, depois saltou do chão para a sela. O animal se empinou, agitado pelo súbito peso, mas Ezio o dominou imediatamente e o fez girar para seguir o tio, que já cavalgava veloz na direção do rio Tibre. Ao mesmo tempo, Gianni desapareceu estalagem adentro e um destacamento de cavalaria de Bórgia surgiu virando a esquina e avançando sobre a praça. Cravando os calcanhares no flanco do cavalo, Ezio disparou atrás do tio, e os dois avançaram em grande velocidade pelas ruas destruídas de Roma em direção ao rio lento e imundo. Às suas costas podiam ouvir os gritos dos guardas montados amaldiçoando os fugitivos, enquanto Mario e Ezio galopavam pelo labirinto de ruas antigas, lentamente deixando-os para trás.

Quando alcançaram a ilha Tiberina, cruzaram o rio por uma ponte instável que tremeu sob os cascos dos cavalos, e então deram meia-volta, seguindo para o norte pela rua principal. Esta levava para fora da cidadezinha esquelética que já fora a capital do mundo civilizado. Não pararam até irem longe e se assegurarem de que estavam fora do alcance dos perseguidores.

Perto do vilarejo de Settebagni, à sombra de um imenso olmo ao lado da estrada poeirenta que acompanhava o rio, frearam os cavalos e pararam para recuperar o fôlego.

— Essa foi por pouco, tio.

O velho deu de ombros e sorriu, um tanto dolorosamente. Do alforje, Mario tirou um odre de vinho tinto grosseiro e entregou-o ao sobrinho.

— Tome — falou, lentamente recuperando o fôlego. — Vai ser bom para você.

Ezio bebeu e fez uma careta.

— Onde arranjou isso?

— É o melhor que podem servir na Raposa Adormecida — respondeu Mario, com um largo sorriso. — Mas, quando estivermos de volta a Monteriggioni, você encontrará um melhor.

Ezio, sorrindo também, devolveu o odre ao tio. Mas então seu rosto assumiu uma expressão perturbada.

— O que o incomoda? — perguntou Mario, em tom mais gentil.

Lentamente, Ezio retirou a Maçã da bolsa onde a tinha guardado.

— Isto. O que eu vou fazer com isto?

Mario parecia sério.

— É uma responsabilidade bem pesada. Mas é uma que você terá que assumir sozinho.

— E como?

— O que o seu coração lhe diz?

— Ele me diz que eu deveria me livrar dela. Mas meu cérebro...

— Ela lhe foi confiada... por quaisquer que sejam os poderes que você encontrou na Câmara — disse Mario, solenemente. — Eles não a devolveriam aos mortais se não tivessem um propósito determinado para ela.

— Mas é um risco muito grande. Se ela cair nas mãos erradas de novo... — Ezio lançou um olhar preocupado para o rio moroso que fluía ali perto. Mario o observou com expectativa.

Ezio levantou a Maçã com a mão direita enluvada. Mas ainda assim hesitou. Ele sabia que não poderia jogar fora tamanho tesouro, e as palavras do tio o tinham convencido. Certamente Minerva não teria permitido que ele tivesse pegado a Maçã de volta sem motivo.

— A decisão deve ser apenas sua — afirmou Mario. — Mas, se você se sentir infeliz em ter a custódia dela agora, pode *me* entregar para que eu tome conta. Pode pegá-la de volta quando sua mente estiver mais calma.

Ezio ainda hesitava, mas então os dois ouviram, ao longe, o som forte dos cascos batendo no chão e o latido dos cães.

— Os bastardos não desistem fácil — disse Mario entre dentes cerrados. — Vamos, me dê o artefato.

Ezio suspirou, mas recolocou a Maçã na bolsa de couro e a jogou para Mario, que a guardou rapidamente no alforje da sela.

— E agora — disse Mario —, temos de obrigar esses pangarés a entrar no rio e fazê-los nadar até o outro lado. Isso fará os malditos cães perderem nosso rastro, e, mesmo que os guardas sejam inteligentes o suficiente para atravessar o Tibre também, vamos despistá-los naqueles bosques ali. Vamos. Já quero estar em Monteriggioni a esta hora amanhã.

— E com que disposição acha que vamos ter de cavalgar?

Mario cravou os calcanhares nos flancos do cavalo e o animal empinou, com espuma nos cantos da boca.

— Muita, muita mesmo — respondeu. — Porque, de agora em diante, não teremos de lidar apenas com Rodrigo. Os filhos estão com ele; Cesare e Lucrecia.

— E eles são...?

— As pessoas mais perigosas que você vai conhecer na vida.

Era a tarde do dia seguinte quando o vilarejo murado de Monteriggioni apareceu no horizonte sobre a colina, coroado pela *rocca* de Mario. Eles tinham viajado mais rápido do que esperavam e agora reduziam o passo para poupar os cavalos.

— ... e então Minerva me falou do sol — continuou Ezio. — Ela me falou de um desastre que aconteceu há muito tempo e predisse que outro ainda estava por vir...

— Mas ainda vai demorar um bom tempo, *vero*? — retrucou Mario. — Então não precisamos nos preocupar com isso.

— *Si* — concordou Ezio. — Eu me pergunto quanto trabalho ainda teremos pela frente. — Fez uma pausa, reflexivo. — Talvez acabe em breve.

— E isso seria assim tão ruim?

Ezio estava a ponto de responder quando foi interrompido pelo som de uma explosão; um tiro de canhão, vindo da cidade. Ele sacou a espada, erguendo-se na sela para olhar o topo das muralhas.

— Não se preocupe — exclamou Mario, rindo animadamente. — São apenas exercícios. Melhoramos nosso arsenal e instalamos novos canhões no alto das muralhas. Temos sessões diárias de treinamento.

— Bom, espero que não estejam mirando em nós.

— Não se preocupe — repetiu Mario. — Admito que os homens ainda precisam melhorar a pontaria, mas são espertos o suficiente para não atirar no chefe!

Pouco tempo depois, cavalgaram pelos portões principais da cidade e pela ampla rua principal, que levava à cidadela. Com a passagem deles, o povo se reuniu ao longo da rua, olhando para Ezio com uma mistura de respeito, admiração e afeto.

— Bem-vindo de volta, Ezio! — gritou uma mulher.

— *Grazie, madonna*. — Ezio sorriu de volta, inclinando a cabeça de leve.

— Três vivas para Ezio! — Soou a voz de uma criança.

— *Buon giorno, fratellino* — respondeu o Assassino. Virando-se para Mario, comentou: — Como é bom voltar para casa.

— Acho que eles estão mais felizes em ver você do que a mim — disse Mario, sorrindo enquanto falava. De fato, uma bela porção daquela euforia, especialmente da parte dos mais velhos, era para ele.

— Estou ansioso para ver a velha morada da família — comentou Ezio. — Já faz muito tempo.

— De fato, e há duas pessoas ansiosas para ver você também.

— Quem?

— Você não consegue adivinhar? Não pode ter ficado tão ocupado com os deveres para com a Irmandade.

— É claro, minha mãe e minha irmã! Como elas estão?

— Bem. Sua irmã ficou muito infeliz quando o marido dela morreu, mas o tempo cura quase tudo, e acho que ela está bem melhor agora. Na verdade, ela está bem ali.

Eles tinham chegado ao pátio da residência fortificada de Mario e, enquanto desciam dos cavalos, a irmã de Ezio, Claudia, apareceu no alto da escadaria de mármore que levava à entrada principal. Assim que os viu, ela desceu correndo e se atirou nos braços de Ezio.

— Irmão! — gritou ela, enquanto o abraçava. — Você voltar para casa é o melhor presente de aniversário que eu poderia ter desejado!

— Claudia, minha querida — respondeu Ezio, abraçando-a com força. — É bom estar de volta. Como vai nossa mãe?

— Bem, graças a Deus. Está louca para ver você. Anda ansiosíssima desde que recebemos notícia do seu retorno. E sua fama chegou antes mesmo de você!

— Vamos entrar — sugeriu Mario.

— Há mais alguém que ficará feliz em vê-lo — Claudia continuou, tomando o braço do irmão e o acompanhando escadaria acima. — A Condessa de Forlì.

— Caterina? Aqui? — Ezio tentou conter a empolgação na voz.

— Não sabíamos bem quando você chegaria. Ela e mamãe estão com a abadessa, mas estarão de volta ao pôr do sol.

— Negócios primeiro — interrompeu Mario, sabiamente. — Vou convocar uma reunião do Conselho da Irmandade aqui, hoje à noite. Eu sei que Maquiavel está especialmente interessado em falar com você.

— Está acabado, então? — perguntou Claudia, com o olhar fixo no irmão. — O Espanhol está morto mesmo?

A expressão nos olhos cinzentos de Ezio se endureceu.

— Explicarei tudo na reunião desta noite — respondeu ele.

— Muito bem — concordou Claudia, mas seus olhos pareceram perturbados quando ela saiu.

— E, por favor, transmita minhas saudações à condessa quando ela chegar — pediu Ezio. — Falarei com ela e com nossa mãe esta noite. Mas antes tenho assuntos a resolver com Mario que não podem esperar.

Assim que ficaram sozinhos, o tom de Mario ficou sério.

— Você precisa se preparar bem para esta noite, Ezio. Maquiavel chegará ao pôr do sol e sei que terá muitas perguntas a lhe fazer. Vamos debater as questões agora, e eu aconselho que você depois dê uma volta... Não fará mal se você der uma olhada em como anda a nossa cidade.

Depois de uma conversa muito séria com Mario no escritório dele, Ezio voltou a Monteriggioni. A questão do papa ter sobrevivido era um fardo muito pesado, e Ezio queria se distrair um pouco. Mario sugeriu que ele fosse ao alfaiate comprar novas roupas para substituir as que ele ainda usava, sujas da viagem. Foi, portanto, a primeira coisa que Ezio fez e, ao chegar, encontrou o alfaiate sentado de pernas cruzadas diante da bancada de trabalho, costurando uma capa brocada de um rico verde esmeralda.

Ezio gostava do alfaiate, um camarada de boa índole apenas um pouco mais velho do que ele. O alfaiate o cumprimentou calorosamente.

— A que devo a honra? — perguntou.

— Acho que estou precisando muito de roupas novas — respondeu Ezio, um tanto pesaroso. — Diga-me o que você acha, e seja sincero!

— Mesmo que não fosse meu trabalho vender roupas, *signore*, eu diria que um novo traje faria do senhor um novo homem.

— Pensei a mesma coisa! Ótimo!

— Vou medir o senhor agora, e então poderá escolher as cores que preferir.

Ezio se submeteu ao trabalho atento do alfaiate e escolheu um veludo cinza-escuro discreto para o gibão, com calças de lã combinando.

— Tem como ficarem prontas hoje à noite?

O alfaiate sorriu.

— Não se o *signore* quiser que fiquem bem-feitas. Mas podemos fazer uma prova mais ou menos amanhã ao meio-dia.

— Muito bem — concordou Ezio, torcendo para que não fosse decidido na reunião à noite que ele teria de deixar Monteriggioni naquele mesmo instante.

Ele estava atravessando a praça principal quando percebeu uma mulher atraente atrapalhada com uma grande caixa de flores vermelhas e amarelas, claramente pesada demais para que ela a levantasse. Naquela hora do dia, havia pouca gente por perto, e Ezio sempre teve dificuldades em resistir a uma dama em apuros.

— Eu posso lhe ajudar? — perguntou ele, se aproximando. Ela sorriu.

— Sim, você é bem o homem de que eu preciso. Meu jardineiro deveria ter buscado as flores para mim, mas a mulher dele está doente, então ele teve de voltar para casa. Como eu teria de passar por aqui de qualquer maneira, eu disse que as pegaria, mas a caixa é pesada demais para mim. Você acha que poderia...?

— É claro. — Ezio se abaixou e colocou a caixa sobre o ombro. — Tantas flores! Você é uma mulher de sorte.

— Ainda mais agora, que encontrei você.

Não restava dúvida de que ela estava flertando com ele.

— Você poderia ter pedido ao seu marido que a buscasse, ou a um dos seus empregados — comentou ele.

— Só tenho mais outra empregada, e ela é mais fraca do que eu — respondeu a mulher. — E marido eu não tenho.

— Entendo.

— Encomendei as flores para o aniversário de Claudia Auditore — disse a mulher, olhando para ele.

— Parece que será divertido.

— Com certeza. — Ela fez uma pausa. — De fato, se você quiser me ajudar mais um pouco, estou procurando alguém de classe para me acompanhar à festa.

— Você acha que eu tenho classe suficiente?

Ela estava ficando mais ousada.

— Sim! Ninguém mais nesta cidade anda com a mesma postura que você. Tenho certeza de que o irmão de Claudia, o próprio Ezio, ficaria impressionado.

Ezio sorriu.

— Você me lisonjeia. Mas o que você sabe sobre esse tal Ezio?

— Claudia, que é minha amiga íntima, acha que ele é o máximo. Mas ele raramente a visita e, pelo que eu percebi, é bem distante.

Ezio decidiu que era hora de abrir o jogo.

— É verdade... infelizmente, andei muito... distante.

A mulher ficou espantada.

— Ah, não! *Você é Ezio!* Não acredito. Claudia realmente disse que aguardavam por você. A festa era para ser uma surpresa para ela. Prometa que não lhe dirá nada.

— É melhor você me dizer o seu nome, afinal.

— Ah, é claro. Sou Angelina Ceresa. Agora prometa!

— E o que você fará para que eu me mantenha calado?

Ela o olhou com uma expressão maliciosa.

— Ah, tenho certeza de que posso pensar em várias coisas.

— Estou louco para ouvir quais seriam.

Chegaram à casa de Angelina, onde a empregada idosa abriu a porta. Ezio colocou a caixa de flores em um banco de pedra no pátio, então se virou para Angelina e sorriu.

— Agora você vai me contar?

— Mais tarde.

— E por que não agora?

— *Signore*, eu lhe garanto que a espera valerá a pena.

Mal sabiam eles que os eventos surpreenderiam ambos, e eles não se encontrariam de novo.

Ezio se despediu e, vendo que o dia estava terminando, partiu em direção à cidadela. Quando se aproximou dos estábulos, percebeu uma



criança, uma menininha, vagando pelas ruas, aparentemente sozinha. Estava a ponto de falar com ela quando foi interrompido por gritos frenéticos e pelo trovejar dos cascos de um cavalo. Mais rápido do que um pensamento, Ezio agarrou a criança e a levou para a segurança de um umbral de porta. Ele agiu bem a tempo. Um poderoso cavalo de guerra virou a esquina galopando, completamente paramentado, mas sem cavaleiro. Em uma perseguição bem menos veloz, veio o mestre de estábulos de Mario, um senhor de idade chamado Federico, a quem Ezio reconheceu.

— *Torna qui, maledetto cavallo!* — gritou Federico, inutilmente, para o animal que sumiu adiante. Vendo Ezio, pediu:

— O senhor poderia me ajudar, por favor? É o corcel favorito do seu tio. Eu estava pronto para tirar a sela e tratar dele quando alguma coisa o assustou. Ele é muito nervoso.

— Não se preocupe, vou tentar trazê-lo de volta.

— Obrigado, obrigado. — Federico enxugou a testa. — Estou ficando velho demais para isso.

— Não se preocupe. Fique aqui e tome conta da criança. Acho que ela está perdida.

— Certamente.

Ezio saiu correndo atrás do cavalo, encontrando-o sem dificuldade. O animal tinha se acalmado e estava pastando o feno carregado em uma carroça parada. Ele se assustou um pouco quando Ezio se aproximou, mas então o reconheceu e não fugiu mais. O Assassino pousou a mão reconfortante no pescoço do animal e o acariciou de modo tranquilizador antes de pegar a rédea e guiá-lo de volta por onde tinham vindo.

No caminho, Ezio teve mais uma oportunidade de fazer uma boa ação. Encontrou uma jovem, frenética de ansiedade, que calhou de ser a mãe da menina perdida. Ezio explicou o que tinha acontecido, tomando o cuidado de minimizar o perigo que a menininha tinha realmente corrido. Quando ele contou onde tinha deixado a menina, a mulher saiu correndo na frente, chamando o nome da filha — *Sophia! Sophia!* —, e então Ezio ouviu o grito em resposta — *Mamma!* Minutos depois ele se reuniu ao grupo e entregou as rédeas a Federico,

que, agradecendo novamente, pediu-lhe que não contasse nada a Mario. Ezio prometeu silêncio, e Federico conduziu o cavalo de volta ao estábulo.

A mãe ainda o esperava, com a criança. Ezio se virou para elas e sorriu.

— Ela quer agradecer — informou a mãe.

— Obrigada — disse Sophia, obediente, olhando Ezio com um ar de espanto e temor.

— Fique sempre com a sua mãe — respondeu Ezio, gentil. — Não a deixe mais sozinha assim, *capisci*?

A garotinha concordou com a cabeça, em silêncio.

— Estaríamos todos perdidos sem o senhor e sua família tomando conta de nós, *signore* — afirmou a mãe.

— Fazemos o que está a nosso alcance — respondeu Ezio, mas seus pensamentos estavam perturbados quando entrou na cidadela. Mesmo que tivesse bastante segurança de que seria capaz de se defender, não estava empolgado com ter de encontrar Maquiavel.

Ainda restava algum tempo antes da reunião, e Ezio resolveu subir ao topo das muralhas para conferir os novos canhões, tanto para afastar os pensamentos sombrios sobre que rumo o encontro tomaria quanto para saciar a curiosidade natural. Mario estava muito orgulhoso com esses armamentos que tinha instalado. Havia vários, lindamente decorados em bronze, cada um com uma pilha organizada de balas ao lado da roda. Os canhões maiores tinham canos com três metros de comprimento, e Mario tinha dito que pesavam cerca de nove toneladas. Mas havia também peças menores, as colubrinhas, mais fáceis de manusear, intercaladas com os maiores. Nas torres que pontilhavam as muralhas estavam os canhões conhecidos como sacres, montados em armações de ferro fundido, e falconetes leves em carrinhos de madeira.

Ezio se aproximou de um grupo de canhoneiros reunidos ao redor de um dos canhões maiores.

— Que belas feras — elogiou, passando a mão em um elaborado entalhe decorativo que rodeava o furo do pavio.

— São belas, de fato, *messer* Ezio — disse o líder do grupo, um sargento durão de quem Ezio se recordava da primeira visita a Monteriggioni, quando era mais jovem.

— Ouvi vocês treinando mais cedo. Posso tentar disparar um destes?

— O senhor poderia, certamente, mas estávamos atirando com um dos canhões menores hoje cedo. Os grandalhões são novos em folha. Parece que não aprendemos a carregá-los ainda, e o mestre-armeiro que deveria instalá-los foi embora.

— Você colocou homens à procura dele?

— Sim, senhor, mas não tivemos sorte até agora.

— Eu vou dar uma olhada também. Afinal, essas coisas não estão aqui para enfeitar, e nunca se sabe quando vamos precisar delas.

Ezio prosseguiu, continuando o circuito das muralhas. Ele mal tinha andado vinte ou trinta metros quando ouviu um grunhido barulhento vindo de uma cabana de madeira que tinha sido construída no topo de uma das torres. Perto dela havia uma caixa de ferramentas, e quando o Assassino se aproximou, os grunhidos se tornaram roncões.

Estava escuro e quente dentro da cabana, e cheirava espantosamente a vinho rançoso. Conforme os olhos se acostumaram à penumbra, Ezio logo distinguiu a silhueta de um homem grande em mangas de camisa não muito limpas, esparramado em uma pilha de palha. Ezio cutucou o homem com o pé, mas conseguiu apenas fazer com que ele engasgasse, semiacordado, e então se virasse para a parede.

— *Salve, messere* — disse Ezio, sacudindo o homem de novo, com menos delicadeza dessa vez, usando o bico da bota.

O homem virou a cabeça para Ezio e abriu um dos olhos.

— O que foi, amigo?

— Precisamos que você instale os novos canhões nas muralhas.

— Hoje não, companheiro. Amanhã.

— Você está bêbado demais para fazer seu trabalho? Não acho que o capitão Mario ficará muito feliz se souber disso.

— Chega de trabalho por hoje.

— Mas nem está tão tarde. Você sabe que horas são?

— Não. Nem dou a mínima. Faço canhão, não relógio.

Ezio se agachou para conversar com o homem, que por sua vez tinha se sentado e agraciava Ezio com um vendaval de bafo forte de alho e vinho Montalcino barato, enquanto arrotava de forma abundante. Ezio se levantou.

— Precisamos dos canhões prontos para serem disparados, e precisamos disso agora — disse Ezio. — Você quer que eu encontre alguém mais capaz que você?

O homem se levantou rapidamente.

— Não tão rápido, amigo. Nenhum outro homem vai botar as mãos nas minhas armas. — Ele se apoiou em Ezio enquanto recuperava o fôlego. — Você não entende... alguns desses soldados não têm o menor respeito pela artilharia. Coisas modernas para esse bando, é claro, eu admito, mas, veja bem. Eles esperam que um canhão funcione como por mágica, simples assim! Como se não fizesse sentido tentar extrair o melhor desempenho das armas.

— Podemos conversar enquanto andamos? — perguntou Ezio. — O tempo não para e nos espera, sabe?

— Veja bem — continuou o mestre-armeiro. — Essas coisas que temos aqui são armamentos de primeira classe. Nada além do melhor para o capitão Mario, mas eles ainda são muito simples. Botei as mãos em um desenho francês para uma arma de mão. Eles a chamam de “matadora de ferro forjado”. Muito espertos. Pense bem: um canhão de mão. É o futuro, camarada.

Então eles alcançaram o grupo reunido em volta do canhão.

— Pode cancelar a busca — anunciou Ezio, animado. — Aqui está ele.

O sargento olhou o armeiro de cima a baixo.

— E ele dá conta do serviço?

— Posso estar com as roupas meio surradas e gastas — retorquiu o armeiro —, mas sou um homem de coração pacífico. Nestes tempos, preciso encorajar o guerreiro adormecido dentro de mim para permanecer vivo. Portanto, beber é o meu dever. — Ele empurrou o sargento para fora do caminho. — Vamos ver o que temos aqui...

Depois de examinar o canhão por alguns momentos, entretanto, ele se virou para os soldados.

— O que vocês andaram fazendo? Andaram mexendo neles, não é? Graças a Deus que não dispararam nenhum deles, poderiam ter matado todo mundo. Não estão prontos ainda. Temos de fazer uma boa limpeza nos canos primeiro.

— Talvez nós nem precisemos mais de canhões, com você por perto — comentou o sargento. — É só você baforar nos inimigos!

Mas o armeiro estava ocupado com uma vara de limpeza e chumaços de algodão áspero e oleoso. Depois que acabou, ele se levantou, aqueitando as costas doloridas.

— Pronto, está resolvido — anunciou, virando-se para Ezio e continuando. — Bote esses camaradas para carregar o canhão... pelo menos isso eles sabem fazer, Deus sabe que levaram uma eternidade para aprender... E então pode disparar. Olhe lá no morro. Montamos alguns alvos por lá, nivelados com o canhão. Comece mirando em algo na mesma altura, assim, se o canhão explodir, pelo menos não levará a sua cabeça junto.

— Parece bem seguro — disse Ezio.

— Pode tentar, *messere*. Aqui está o pavio.

Ezio tocou o pavio aceso no furo. Por um longo momento nada aconteceu, e então ele saltou para trás quando o canhão pulou e rugiu. Ao verificar os alvos, Ezio viu que a bala acertou um deles.

— Muito bem — cumprimentou o armeiro. — *Perfetto!* Pelo menos uma pessoa aqui sabe atirar, além de mim.

Ezio mandou os homens recarregarem e então disparou de novo. Mas dessa vez errou.

— Não se pode vencer todas — disse o armeiro. — Volte ao amanhecer. Vamos praticar de novo, e você terá uma chance de treinar sua mira.

— Eu voltarei — concordou Ezio, sem saber que ele só dispararia um canhão novamente em uma batalha de verdade.